

Sousa, M.G.<sup>1</sup>; Higa, A.<sup>1</sup>; Gerardi, D.G.<sup>1</sup>; Ferreira, L.S.<sup>1</sup>; Teshima, E.<sup>1</sup>; Carareto, R.<sup>1</sup>; Tinucci-Costa M.<sup>1</sup>; Carvalho, T.<sup>1</sup>

## 68 - Síndrome do cão tremedor em um Pinscher

1- Departamento de Clínica e Cirurgia Veterinária da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Jaboticabal, Jaboticabal-SP

A síndrome do cão tremedor é uma desordem neurológica, mais frequentemente observada em cães jovens, associada com inflamação leve do sistema nervoso central, onde o animal apresenta tremores difusos pelo corpo, sendo estes sinais inicialmente confundidos com apreensão ou hipotermia. Para o estabelecimento do diagnóstico, é importante descartar outras causas de fraqueza, apreensão, hipotermia e convulsão. Este trabalho tem por objetivo descrever um caso de síndrome do cão tremedor, em um Pinscher, macho, de 2 anos de idade, que foi trazido ao atendimento devido à queixa de tremores generalizados pelo corpo, os quais foram percebidos pelo proprietários desde que o animal tinha 6 meses de idade. Ao exame físico, o animal apresentava mucosas normocoradas e nenhuma alteração à auscultação cardiopulmonar e à palpação abdominal. Como parte do exame físico, procurou-se deixar o animal por alguns minutos sob o sol, com o intuito de descartar a possibilidade de tremor devido à sensibilidade térmica. Foram solicitados exames laboratoriais, incluindo perfil hematológico e bioquímico (ALT, FA, Uréia, Creatinina, Colesterol, Triglicérides, Glicemia, Albumina, Proteína Total, Cálcio, Fósforo, Sódio e Potássio). Adicionalmente, também foi realizado perfil tireoidiano, sendo que todos os exames apresentaram resultados dentro da faixa de normalidade para a espécie. Tendo sido feito o diagnóstico diferencial para cinomose, hipotireoidismo, distúrbios eletrolíticos dentre outras, estabeleceu-se o diagnóstico de síndrome do cão tremedor. Subseqüentemente, o animal passou a receber prednisona, na dose de 2 mg/kg, 2 vezes ao dia, além de sulfametoxazol associado ao trimetopim, na dose de 15 mg/kg, também 2 vezes ao dia. O animal foi reavaliado após 1 semana, tendo apresentado sensível minimização dos tremores. O tratamento foi continuado por 1 semana, com nova reavaliação, sendo então verificado que os tremores estavam praticamente ausentes. Procedeu-se então ao início da redução da corticoterapia de forma progressiva, de modo que, ao término do 30º. dia de tratamento, o animal passou a não receber mais qualquer fármaco. O animal não apresentou tremores por período de 26 dias após a retirada do corticóide, tendo em seguida, apresentado recidiva do quadro. A corticoterapia foi reintroduzida, com melhora do quadro clínico de forma similar ao anterior. Procedeu-se nova retirada do medicamento de forma similar e, após 18 dias, o animal voltou a apresentar os tremores. Desse modo, optou-se por reintroduzir o corticóide e, após 1 semana, iniciou-se o decréscimo da dose até atingir 0,25 mg/kg 1 vez ao dia, a cada 3 dias, a qual ainda vem sendo fornecida ao animal, que não voltou a apresentar sinais clínicos da síndrome. Espera-se com este relato, auxiliar outros clínicos na elucidação de casos semelhantes, enfatizando-se a necessidade de diagnóstico diferencial de outras enfermidades e/ou circunstâncias que possam levar ao aparecimento dos tremores. Adicionalmente, reforça-se a importância de um cuidadoso acompanhamento do paciente, face aos possíveis efeitos adversos da terapia prolongada com corticosteróide.